



IMAGENS DE GÊNERO NO MST: FABRICAÇÃO DE DISCURSIVIDADES SOBRE A MULHER “SEM TERRA”

Maria Aparecida dos Santos ¹

O “novo” modelo cultural propugnado pelo MST pretende *superar aspectos degeneradores da sociedade capitalista* (BOGO, 1999, p. 102), para transformar o ser humano, o meio em que vive e desenvolver novos hábitos através do investimento na formação de uma “nova” consciência social dos/as assentados/as e da militância para que esses possam construir uma história calcada em valores mais solidários. Através da “ação cultural” promovida pelo Movimento, se inicia um período de valorização de alguns pilares da “nova” sociedade: a autodeterminação (vontade de ação e auto-sustentação da luta), a inter-relação entre as espécies, a continuidade histórica (enaltecimento da memória), a arte de fazer o belo, a linguagem, o conhecimento, a imaginação, a utopia, o cuidado (com a mãe Terra e todas as criaturas terrestres) e a luta de classes.

Para a consecução da tarefa de se construir esse “novo” modelo cultural que norteará a vida dos sem terra, o MST engendra um projeto normatizador com projeções de padrões ideais de comportamento, baseado em prescrições estreitas como fio regulador de ações e discursos reiterados como “orações” pela militância e lideranças do Movimento. Propugna uma vida ascética comparada a dos “grandes santos” ou de outra feita, a de soldados em preparação para uma guerra, como também a defesa de virtudes como o altruísmo, o espírito de sacrifício, o disciplinamento do corpo para suportar fome, cansaço e sede, capacidade de trabalho organizado e principalmente, defesa intransigente das bandeiras do Movimento. *Virtude para nós é a capacidade que temos de fazer coisas extraordinárias permanentemente*².

O emprego dos mesmos símbolos, figuras de linguagem, palavras de ordem, cânticos, serve para reforçar identidades, o sentimento de pertencer ao Movimento e de estar vinculado/a a um mesmo circuito de vivência, reservado a poucos/as “eleitos/as” – “lutadores/as do povo”, em um processo de legitimação permanente. *Somos milhões de companheiros e companheiras buscando a libertação da terra, de homens e mulheres em um país onde a terra vale ouro e os seres humanos, alguns gramas de chumbo moldados em bala que fazem sangrar o destino do nosso povo sofredor!* (Ademar Bogo, Terra Sertaneja).

O assentamento seria então o enclave de uma ordem social perfeita: um éden, uma Atlântida ou uma ilha de Utopia em que as relações entre as pessoas estariam alicerçadas na solidariedade, na

¹ Doutoranda em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: aparecidas76@hotmail.com

² BOGO, Ademar. *Lições da Luta pela Terra*. Salvador, Memorial da Letras, 1999.



cooperação e no árduo trabalho de sustentabilidade do espaço rural, miniatura de cidade, com padrões elevados de qualidade de vida e desenvolvimento humano. Lá se respiraria a cultura sem-terra e as famílias assentadas conviveriam em harmonia permanente. É esse o ponto que se almeja chegar com a reforma agrária e a “revolução cultural”, que segundo o MST, já está em marcha através de microrrevoluções cotidianas expressas em suas ações diretas de mobilização, reivindicação e “conscientização”.

A “revolução cultural” ambicionada pelo MST e codificada em documentos oficiais do Movimento pretende fortalecer a “identidade sem terra”, proporcionar o *despertar do novo camponês* e a construção de *um novo jeito de ser família*³. O vínculo com a terra, o resgate e preservação das tradições, o respeito à *mãe natureza*, a valorização do saber local e dos talentos nativos, são expressões do *avanço da consciência individual e coletiva*. Assim, tem-se, não a instauração de um “novo”, mas a reedição de práticas consideradas familiares e mais “salutares” para a vida no campo. Embora o passado não seja representado como idílico, é superior ao presente. Mas a aposta é no futuro, negador do hoje e bálsamo para todos os problemas. Esse futuro deve ser semeado agora para que as futuras gerações não venham a sofrer todos os percalços da luta pela vida digna no campo.

A partir da idéia elaborada pelo MST de “revolução cultural” e da emergência de “um novo homem e uma nova mulher”, é que foram pensadas formas de inclusão das mulheres nas estruturas organizativas do MST. A intenção é então compreender, como esse discurso é proferido pelas lideranças do Movimento e como eles rebatem nas “ações afirmativas” da presença e do trabalho político das lideranças femininas, de que forma estas vêm sendo implementadas e se realmente vêm gerando mudança na forma como mulheres participam do MST.

O “novo” camponês, assim como sua família, alcançaria um patamar elevado de bem-estar porque estaria integrado em uma realidade onde a “vida boa” seria defendida por todos/as, com homens, mulheres, jovens, crianças e idosos desenvolvendo uma “cultura de auto-estima”⁴, onde a solidariedade seria o valor central. Esse projeto de revolução cultural deve ser desenvolvido a partir de uma célula primeira que é o indivíduo, passando pela família sem-terra e pelas relações no espaço do assentamento, para daí espalhar-se pelas instâncias do Movimento e pela sociedade brasileira. Deve ser uma “revolução” molecular, onde se deve combater tenazmente práticas consideradas errôneas e enaltecer virtudes morais a serem seguidas obstinadamente.

³ MST. *Construindo o Caminho*. São Paulo, Secretaria Nacional do MST, 2001.

⁴ STÉDILE, João Pedro & FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 2a. reimpressão. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.



A família é o foco da ação do Movimento, tanto no recrutamento para a ocupação de uma área e o tempo do acampamento, como para as atividades de mobilização para a conquista de recursos para os assentamentos. A presença de mulheres e crianças é incentivada, para dar um caráter mais legítimo às manifestações e ocupações, tornando-as massivas e ao mesmo tempo, sensibilizar esses segmentos para a adesão à militância.

A fabricação de um universo sem-terra visa ordenar a dinâmica interna da Organização e erigir um modelo cultural balizador da conduta moral de seu público. Assim, tanto as crianças sem-terrinha, como os jovens e as mulheres são elementos revitalizadores e “portadores” de uma “nova” vida, daí, o incremento de ações para sua participação massiva e permanente e o entendimento de que a “emancipação” desses segmentos é uma “revolução dentro da revolução”.

Tem-se também, um debate fundamentado teoricamente nas questões relativas às relações de gênero, o que possibilitou o aprofundamento sobre o tema das relações de poder entre os gêneros e o viés das políticas de distribuição de recursos, saberes e poderes e o reconhecimento das identidades das mulheres como protagonistas da arena pública, com uma breve análise da condição das mulheres nas áreas de acampamento e assentamento da reforma agrária e do acesso dessas a políticas públicas com recorte de gênero, como também das formas de ingresso e participação no MST.

Nessa busca por instaurar um “novo” ordenamento social, o MST empreende um esforço teleológico monumental para elaborar sistematicamente um discurso e ações para a construção de um ethos cultural. Tal exercício deve ser favorável à transformação de valores e de comportamentos de acampados/as, assentados/as, militantes e dirigentes. Uma “nova” visão de mundo seria a base propulsora de uma “revolução” nas relações sociais, conformando uma “identidade sem terra”. *Sem terra deixa de ser categoria social para tornar-se nome próprio quando identifica um grupo social que decidiu ser sujeito para mudar de condição social através da organização política, forjando daí sua própria identidade, com ideologia e valores*⁵.

E para reafirmar a validade da luta a cada tempo, o MST elabora um discurso com uma linguagem própria, em termos bastante conhecidos de toda a militância, para dar um caráter diferente ao trabalho político, registrando palavras que vão no decorrer da história autorizada do Movimento, ficando célebres e demonstrando que o “universo sem terra” é uma proposta alternativa: tem sua cultura e história endógenas e constrói sua visão de mundo a partir de

⁵ BOGO, Ademar. *O MST e a Cultura*. Caderno de Formação nº 34. São Paulo, ANCA, 2000.



referenciais específicos, embora muitas vezes reedite idéias oriundas de um passado remoto e tente adaptá-las a uma conjuntura presente como formas inovadoras de intervenção.

O MST pretende assim, construir uma “nova” história de valorização dos “lutadores do povo” e personagens que contribuíram com o seu trabalho, doando a vida em favor de um *novo amanhecer* para os oprimidos da terra.

De acordo com o ideário do MST, se tem um desejo da instauração de um modo de ser social propugnado pela elite pensante do Movimento que deve ser capilarizado junto aos/às militantes e chegar até à “base”. Esse futuro ordenamento social deve ser sonhado por cada um/a e as “táticas” para “acelerar o passo” de uma mudança social devem ser discutidas e vislumbradas para um cotidiano concreto, inclusive com a incorporação das mulheres no Movimento.

Percebe-se uma “valorização” de uma “cultura feminina”, vista pela Direção do MST como algo importante para chamar a atenção e dar mais plasticidade ao Movimento. Assim, movimento feminista, coletivos e setores de gênero e a cúpula do MST são “porta-vozes” das mulheres de uma forma geral, sem, no entanto, haver um movimento de “baixo para cima” que resulte em mobilização permanente das mulheres sem terra. *A política tem sido concebida por quem detém o poder e, portanto, era (e continua sendo) um espaço delimitado, mediatizado, domesticado e hierarquizado pelos homens*⁶.

Se algumas mulheres militantes e dirigentes sentem a necessidade de fomentar o debate e a criação de dispositivos que assegurem a inserção, permanência e participação decisiva das mulheres no MST, as lideranças e militantes masculinos, embora reconheçam a importância da questão, tendo em vista a pressão por parecer um movimento social de vanguarda de posições progressistas, são resistentes no que tange à priorização do debate e o direcionamento para tratar questões subjetivas, ligadas à sexualidade e ao ordenamento da casa e dos arranjos familiares. *Uma das coisas que essa sociedade desigual e injusta fez com a gente foi nos embrutecer, criar dentro de nós o machismo, o trato duro e desrespeitoso com as mulheres, crianças e velhos*⁷.

A Mãe e Mulher Sem Terra que não tem consciência de classe contribui muito para a reprodução da ideologia e dos valores burgueses dentro da família, incentivando a juventude a migrar para a cidade. Além disso, contribuem para afastar seus companheiros da militância, separando a vida pessoal e a luta por mudanças sociais⁸.

⁶ FERREIRA, Mary (org.). *Os Saberes e os Poderes das Mulheres: a construção de gênero*. São Luís, EDUFMA/Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Mulher, Cidadania e Relações de Gênero/Salvador, REDOR, 2001, p. 106.

⁷ MST. *Construindo o Caminho*. São Paulo, Secretaria Nacional do MST, 2001, p. 171.

⁸ MST. *Caderno de Textos para Coordenadores/as de Acampamentos e Assentamentos de Reforma Agrária do MST-CE*. Fortaleza, MST, 2004.



Aqui, *o imaginário familiar é matricêntrico*)⁹, com a mãe sendo a responsável pela proteção dos membros da unidade familiar e pela reprodução dos valores. Essa realidade é fruto de [...] *um longo processo de domesticação da mulher no sentido de torná-la responsável pela casa, família, o casamento e a procriação, na figura da “santa mãezinha”*¹⁰.

O MST, ao mesmo tempo em que valoriza as qualidades atribuídas aos/às guerreiros/as, trabalhando terminologias “beligerantes” como frentes de luta, brigadas, combatentes e trincheiras, também valoriza a beleza, o amor à terra, à vida, sendo a mulher metaforizada em guardiã da semente e geradora da existência. Aqui, o homem fecunda a terra, lançando a semente, enquanto a mulher tem o papel passivo de guardá-la e de protegê-la. O homem vai colher. Quer dizer, a mulher participa do processo, aparentemente como protagonista, quando na verdade a sua ação é passiva, está presa a um lugar, sem mobilidade, à espera dos acontecimentos.

Contraditoriamente, a mulher, ao mesmo tempo em que é chamada à luta pela “companheirada”, incorporando todas as missões designadas, deve levar para os espaços de militância, atributos femininos que irão embelezá-los e ornamentá-los. Devem, no entanto, manterem-se fortes e em prontidão permanente, tanto quanto os homens.

[...] o vento sempre companhia
em cima de um caminhão
no peito vai muita vontade
de ver o fruto desta ação
E vai também a mulherada
Com muita participação
Mostrando com capacidade
Que tem outras lutas além do fogão.
(CAUSA NOBRE – ZÉ PINTO)

Para o MST, as mulheres não são vítimas que devam ser protegidas, mas devem ser incluídas como personagens que vão contribuir para fortalecer a posição de vanguarda do Movimento na arena política brasileira. Para isso, o Movimento investe pesadamente na relação entre a ideologia elaborada e a produção de símbolos que reforcem esquemas de leitura do mundo. O discurso é um dever ser, repetido exaustivamente para ser apreendido como verdade universal.

Há um esforço de desconstruir a eterna oposição entre masculino e feminino, na medida em que os sexos são percebidos como complementares: a “nova” mulher devendo absorver atributos considerados masculinos ao mesmo tempo em que mantém a sua função de *mulher selecionadora*

⁹ ZARETSKY, Eli. O irônico destino do feminismo psicanalítico: o caso de Melanie Klein. IN BRUSCHINI, Cristina & UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs.). Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira. 1a. ed. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002, p. 431.

¹⁰ DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995, p. 26.



da semente, identificadas à mãe terra, parceiras número um da natureza, pois cuidam nove meses de uma semente e tem a missão de preservar a vida em todas as suas expressões. O discurso que se reporta a um lugar feminino é também alusivo a imagens míticas.

O “novo” homem deve compartilhar dessa missão, acoplando à sua identidade, qualidades como sensibilidade, ternura e dedicação às coisas belas. Aqui, o que está em “jogo” é o equilíbrio da relação homem-mulher, sem guerras, para que ambos os sexos possam representar o gênero humano. *A nova mulher e o novo homem estão dentro de nós. Mas é preciso despertá-los e deixá-los desabrochar, para juntos construir um novo jeito de sociedade*¹¹.

Assim, o “novo” homem e a “nova” mulher, devem cultivar as mais elevadas e nobres aspirações que a humanidade pode conhecer. Contudo, essa perspectiva que não problematiza relações de poder na família, nos acampamentos, assentamentos e nas instâncias organizativas do MST, não traz a noção de conflito, mas de harmonia entre as pessoas, como se as disputas por cargos, funções, saberes, recursos financeiros, contatos, mobilidade social, não estivessem atreladas às condições materiais e ao embate entre os gêneros por espaço e reconhecimento, ficando essa discussão na penumbra dos lugares de produção dos discursos e das práticas, como se as pessoas ingressas no Movimento, não fossem originárias de distintos lugares, com costumes, hábitos e valores diferenciados. Quando mulheres trabalhadoras rurais assumem a identidade sem terra, sentem um forte sentido de pertencimento a um contra-público legitimado e que detém demandas qualificadas dirigidas a um público dominante.

Nesses 20 anos de história é inegável a contribuição das mulheres para que o MST se tornasse uma organização respeitada no Brasil e no mundo, por suas lutas e conquistas nas áreas de produção, educação, saúde, formação. E quando as mulheres sem terra chamam a atenção para a necessidade do MST promover a igualdade de gênero não estão querendo que o Movimento se afaste da luta de classe. Pelo contrário, querem que as mulheres também tenham oportunidade de ser revolucionárias, de participarem da luta pela transformação social. Na concepção de gênero que vem se construindo no MST, a luta de gênero não é contraditória com a luta de classe, elas se complementam¹².

Em seus documentos e discursos, o MST reedita o “velho mito da mulher redentora”, quando atribui uma “potência civilizatória à mãe, identificada à terra, guardiã da semente, da vida e das boas virtudes. É uma mulher ideal, genérica, assexuada, apenas mediadora de acontecimentos afetos à humanidade encarnada no homem. No máximo que se pode extrair é que a mulher estaria ao lado do homem em todas as lutas, como suporte, porque a família toda deve estar envolvida com o Movimento.

¹¹ BOGO, Ademar. *O Vigor da Mística*. Caderno de Cultura nº 2. São Paulo, ANCA, 2002.

¹² MST. Caderno de Textos para Coordenadores/as de Acampamentos e Assentamentos de Reforma Agrária do MST-CE. Fortaleza, MST, 2004.



Referências Bibliográficas

- BOGO, Ademar. *Lições da Luta pela Terra*. Salvador, Memorial da Letras, 1999.
- _____. *O MST e a Cultura*. Caderno de Formação nº 34. São Paulo, ANCA, 2000.
- _____. *O Vigor da Mística*. Caderno de Cultura nº 2. São Paulo, ANCA, 2002.
- BRUSCHINI, Cristina & UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs.). *Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira*. 1ª. ed. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002.
- _____. & PINTO, Celi Regina (orgs.). *Tempos e Lugares de Gênero*. 1ª. ed. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2001.
- CHAVES, Christine de Alencar. *A Marcha Nacional dos Sem-Terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Coleção Antropologia da Política. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, UFRJ, Núcleo de Antropologia da Política, 2000.
- COLETIVO NACIONAL DE GÊNERO DO MST. *Mulher Sem-Terra*. São Paulo, ANCA/INCRA, 2000.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *MST: formação e territorialização em São Paulo*. 2ª. ed. São Paulo, Hucitec, 1999.
- FERREIRA, Mary (org.). *Os Saberes e os Poderes das Mulheres: a construção de gênero*. São Luís, EDUFMA/Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Mulher, Cidadania e Relações de Gênero/Salvador, REDOR, 2001.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- LECHAT, Nöelle Marie Paule. *A Questão do Gênero no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra*. Coleção Trabalhos Acadêmico-Científicos. Série Dissertações de Mestrado. Ijuí, Ed. Ijuí, 1997.
- MORISSAWA, Mitsue. *A História da Luta pela Terra e o MST*. São Paulo, Expressão Popular, 2001.
- MST. *Gênese e Desenvolvimento do MST*. Caderno de Formação, nº 30. São Paulo: Editora Peres, 1998.
- _____. *Princípios da Educação no MST*. 3ª ed. São Paulo, 1999.
- _____. *Nossos Valores*. Pra soletrar a liberdade nº 1. São Paulo, ANCA, 2000.
- _____. *Construindo o Caminho*. São Paulo, Secretaria Nacional do MST, 2001.
- _____. *Construindo novas relações de gênero: desafiando relações de poder*. São Paulo, ANCA/Setor de Gênero do MST, 2003.



_____. *Caderno de Textos para Coordenadores/as de Acampamentos e Assentamentos de Reforma Agrária do MST-CE*. Fortaleza, MST, 2004.

NAVARRO, Zander. *Mobilização sem Emancipação: as lutas sociais dos sem-terra no Brasil*. In SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

_____. *O MST e a canonização da ação coletiva (resposta a Horácio Martins Carvalho)*. In SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político*. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.

RUA, Maria das Graças & ABRAMOVAY, Miriam. *Companheiras de Luta ou “Coordenadoras de Painéis”? :as relações de gênero nos assentamentos rurais*. Brasília, UNESCO, 2000.

SILVA, Cristiani Bereta da. *Homens e Mulheres em Movimento: relações de gênero e subjetividade no MST*. Florianópolis, Momento Atual, 2004.

STÉDILE, João Pedro & FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 2a. reimpressão. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

TORRENS, João Carlos Sampaio. *O Processo de Construção das Linhas Políticas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra*. In MEDEIROS, Leonilde et.al. (orgs.). *Assentamentos Rurais: uma visão multidisciplinar*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista/Prismas, 1994.

ZARETSKY, Eli. *O irônico destino do feminismo psicanalítico: o caso de Melanie Klein*. IN BRUSCHINI, Cristina & UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs.). *Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira*. 1a. ed. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002.